S. PAULO (BRASIL) — Sabado, 13 junho de 1914 — ANNO XIII — N. 247

Publica-se aos sabbados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANNO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior ha a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegrafico: LANTERNA

Toda correspondencia ao director

EM TAUBATÉ

A obra nefasta dos conventos novamente em foco

Os frades raptaram uma jovem por eles fanatizada — Como de costume, o escandalo será abafado

Ainda não se apagou do espirito publico a impressão produzida pelo escandaloso caso da freira Emilia, que veiu focalizar a vida debochada e corruptora dessas pseudo casas de recolhimento, e já um outro facto de seria gravidade vem colocar novamente em foco esses antros de devastação moral, de exploração do esforço de pobres necessitados e de corrupção social.

Como os leitores verão, trata-se de um facto bastante grave, em que uma familia foi ferida nos seus mais caros afectos pela obra infame desses parasitas sociais, que estão se assenhoreando inteiramente da vida publica e familiar deste paiz, e com especialidade deste Estado.

O acontecimento do qual damos neste numero as primeiras informações, teve por teatro a cidade de Taubaté, um dos feudos principais do clericalismo.

Eis o que sobre ele nos conta um correligionario residente naquela cidade:

«A esta hora não sei se já terá chegado ao seu conhecimento mais um facto altamente escandaloso praticado pelos comparsas dos tonsurados, pelos grotescos e bisonhos frades da sucursal do Vaticano que aqui, nesta carolissima cidade, tem o nome do Convento de Santa Clara.

Passo a relatar o caso em toda a sua simplicidade e hediondez, com os ligeiros pormenores que pude colher de fonte muito limpa, pois conheço bem de perto as vitimas do atentado dos *santos* padres.

Existe aqui o sr. Antonio Valvano, negociante estimado e laborioso e chefe de numerosa familia, estabelecido com armazem de secos e molhados na praça Coronel Vitoriano, perto do referido convento de Santa Clara. A filha mais velha de Valvano, que tem 18 anos e chama-se Carmelia, sugestionada pelos exploradores da incauta humanidade, acha-se completamente fanatizada, a ponto de desobedecer o pai e a mãe e viver metida no convento, apesar das constantes repreensões de seu dedicado pai.

Domingo ultimo, saiu Carmelia de casa antes de amanhecer para ir, como de costume, á missa na capela da Santa Casa, não mais regressando á casa, correndo como certo que os *santos* frades, ajudados pelas *santas* freiras e beatas perversas, fizeram-na embarcar na Central com destino ignorado.

Carmelia, que ha muito tempo declarara ao pai desejar ser freira e que havia de o ser, passava a vida no convento, ocupando-se muitas vezes em varrer a igreja e lavar a roupa do frade chefe, um barrigudo e feio fradalhão.

Antonio Valvano deu queixa imediata á policia e o dr. Clovis de Morais Barros, delegado de policia, mandou comparecer á sua presença o referido frade e algumas freiras da Sante Casa e deu outras providencias que o grave caso exige, não tendo, porêm, até a hora em que lhe escrevo, 7 da noite de 9 do corrente, aparecido noticias de Carmelia.

Sem comentarios maiores, aí fica exposto mais este atentado aos brios da sociedade e da familia.

Oportunamente darei mais informações.»

Contando com o auxilio dos amigos da *Lanterna* residentes em Taubaté, esperamos poder prestar, no nosso proximo, numero melhores informações aos nossos leitores.

◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆◆

AS CLERICRAPULICES DA GAZUA DO POLVO

Quanto á prosperidade moral, material e intelectual durante os seculos do dominio da Igreja, todos os historiadores afirmam unanimemente que nunca houve tempos tão desgraçados; nunca a depravação, o deboche, o crime, a pouca vergonha, a ignorancia e a miseria imperaram tanto como no tempo da dominação da clericanalha.

Leiam Cantú, consultem Lachatre, examinem Castilha, Buckle, Draper, Ortiz de La Puebla, White, Lafuente, Morayta, Dufour, Zamacois, Medina, Wharey e mesmo o papista Alzog: todos concordam em que o clericalismo é o peor inimigo da especie humana; todos afirmam, a *una voce*, que a teocracia, catolica ou protestante, não importa a denominação, não é mais do que uma vasta associação de refinadissimos gatunos organizados em comandita; todos os padres, enfim, catolicos ou protestantes, não são mais do que uma sem vergonha sucia de ladrões, a quem é preciso enxotar como um asqueroso enxame de nojentas moscas.

De que serve, portanto, á clericrapulosa *Gazua do Polvo* vir nos predicar carolismo, cuja historia, como acabamos de provar-lhe, conhecemos a fundo?

O catolicismo, hoje, só medra no meio da ignorancia. Quem professa o catolicismo, ou é um rematado ignorante, ou um refinadissimo velhaco! Não ha meio termo! Se o catolicismo triunfasse, isto é, se nós, hoje, por infelicidade nossa, caissemos novamente sob o detestabilissimo dominio dos padres, ai! nem é bom supo-lo! as fogueiras se reacenderiam, as forcas funcionariam novamente, os livros arderiam aos milhares, as nossas esposas, irmãs e filhas, sob qualquer pretexto, seriam arrancadas de nossas casas para servirem de pasto á lascivia clerical; enfim, a ignorancia, o embrutecimento, a barbaria e todas as más paixões, proprias e inerentes aos dominios teocraticos, imperariam desenfreadamente!

Se o espaço e o tempo mo permitissem, eu me estenderia consideravelmente sobre a historia do catolicismo na Europa e na America; mas careço de ambas as coisas e por isso me limitarei, para terminar este artigo, a citar dois exemplos da moral catolica.

Em meados do seculo XVIII, a Toscana, na Italia, estava convertiva num feudo clerical. As igrejas eram casas de jogadores, antros de prostitutas e covis de ladrões.

O grão duque Leopoldo e o bispo Ricci tentaram uma reforma, no que foram obstado pela Igreja de Roma. Só depois de alguns anos é que o bispo e o grão duque conseguiram impor a sua autoridade, e então começaram um expurgo naquela sucia de clericais e ladrões. Depois de muitos conventos serem despejados porque todas as freiras que os habitavam eram rameiras, a autoridade civil começou a pesar de rijo sobre aqueles crapulosos clericais. Entre a clericanalha castigada pelo conselho de Estado, figuravam: — um padre envenenador, um ermitão contrabandista, um padre, réu de tres assassinatos; um outro foi desterrado por escandaloso, turbulento e sedicioso; outro por estupro; um outro por ter convertido a igreja em casa de jogo; outro por falsario, turbulento e estuprador; e enfim, um outro por estafador, gatuno, dissipador, simoniaco e escandaloso.

(Torres de Castilha, *Hist. de las Persecu. Religiosas en Europa*, tomo V, pag. 16).

Tal era o belo estado da Toscana em 1765.

Outro exemplo;

Um francez, que visitou Lima, no Perú, em 1745, ficou admirado do grande numero de conventos que lá havia, mas ainda mais admirado ficou de ver o desbragado deboche clerical que tambem imperava. Os frades passam uma vida licenciosa; os superiores e provinciais gastam somas enormes em toda classe de vicios; as freiras vivem numa prostituição descarada, vendendo seus corpos, com cujo produto compram escravas, negras e mulatas, que lhes servem de alcoviteiras.

Todos vivem no relaxamento, na depravação, no crime: estrangeiros, nacionais, solteiros, casados, eclesiasticos e seculares. Os inquisidores do Perú eram depravados, egoistas, invejosos e ladrões. "Utilizavam-se do posto de inquisidores para enriquecer" — diz Medina. Os inquisidores tinham espiões para lhes denunciarem os homens ricos, a quem logo mandavam prender sob pretexto de heresia, eram condenados á fogueira e seus bens confiscados em proveito dos inquisidores, os quais davam uma pequena parte ao espião denunciante. Além disso, eles impunham multas, lançavam impostos, forçavam os réus a testarem em proveito deles, realizavam casamentos, rematavam terrenos em leilão e enfim, utilizavam-se de todos os meios sómente para enriquecer.

"Vivendo desunidos e em perpetua guerra entre si — conclue Medina — os inquisidores eram arrogantes, vingativos, ao extremo de jámais perdoar ninguem; avarentos, egoistas, viciosos, depravados, ignorantes, dissolutos, prevaricadores, venais e sempre rodeados de esbirros que não valiam mais do que eles. (*Hist. de la Inquisición de Lima*, tomo II, pag. 480 e segts.; Santiago, 1887).

. . . .

. . . .

Esse é o regimen que a *Gazua do Polvo* quer nos impor, quando tem o cinismo e a pouca vergonha de nos fazer propaganda catolica.

Imbecil! Crapula!

José Martins.



Aos pais de familia que, dizendo-se anticlericais, deixam arrancar do lar domestico mulher e filhas, para perderem o seu tempo nas igrejas e viciarem o seu espirito com praticas absurdas e maus conselhos desses inimigos da humanidade . . .



'.. a esses maricas, condene-se a 10 duzias de chineladas, aplicadas com todo o vigor !

Os braços de S. Jorge

O *Soir*, de Bruxelas, numa correspondencia de Londres, de 23 de abril, narra o seguinte:

S. Jorge, o matador de dragões, festejado pela Igreja naquela data, é notavel sobretudo pelo numero dos seus braços. Bastam para o provar os inventarios oficiais de diversos conventos e igrejas de Inglaterra, sem falar no *stock* continental.

Em Canterbury, acha-se «o braço direito do nosso querido senhor e cavaleiro S. Jorge».

A catedral de Lincoln possui outro braço do santo, encerrado num estojo de ouro, em companhia de um pedaço de couraça do bom cavaleiro.

O inventario da catedral de Norwich acusa outro braço «num relicario» e a igreja de S. Nicolau, em Great Yarmouth, possui um igualmente.

A capela de S. Jorge, em Windsor, gaba-se de ter tambem um braço do seu ilustre padroeiro, preciosa reliquia dada a Ricardo II em 1416 por seu cunhado o imperador Segismundo, e um fragmento do cranio e o coração do santo. Alem disso, guarda a perna direita de S. Jorge, presente feito a Henrique VII por «nosso bem-amado primo o cardial d'Ambrys, legado de França».

Charlatães! Trampolineiros!

DISSOLUÇÃO DAS RELIGIÕES

Assistimos a uma *dissolução* (extremamente lenta e discontinua) das religiões *positivas*. Entendo por esta expressão essas filosofias populares e tradicionais, todas de crença, imaginação e sentimento, que se traduzem sobre a triplice forma dos *mitos*, *dogmas e ritos*. Para escapar á dissolução, certas religiões solidificam-se, petrificam-se, proclamam-se imutaveis e infaliveis, fazem-se cada vez mais jerarquicas, autocraticas, «imperialistas»; outras, cada vez mais mudaveis, liberais e republicanas, passam ao estado fluido, vaporizam-se até se dissiparem no eter metafisico. Na realidade, sob as aparencias da mesma solidez, ha por toda a parte desagregação do envolucro literal, em proveito do espirito animador, que é a ideia religiosa.

Mas, simultaneamente com essa dissolução, vemos efectuar-se uma evolução da propria *ideia religiosa*. Esta evolução (quão vagarosa! com quantos desvios e regressos!) opera-se no sentido da filosofia e da moral. A ideia religiosa, purificando-se, torna-se ideia filosofica, concepção do infinito e do perfeito, da vida ideal e do ideal destino. O sentimento religioso torna-se sentimento filosafico dos limites da sciencia, sentimento moral do progresso indefinido que falta realizar para a perfeita moralidade e para a perfeita felicidade, esses dois objectos das mais altas aspirações humanas.

Alfredo Fouillée.



EM S. CARLOS

UM PADRE ATIRA-SE A UMA ESPOSA DO SENHOR E LEVA UMA BOA TUNDA

Esta tem a sua graça e vem bem a proposito para nos matar o tedio desta época de crise aguda, agravada com a mal-querencia da santa irmã Gertrudes, de Coritiba, que nos quer sujeitar a alguns meses de retiro espiritual no casarão da Luz.

Trata-se de um facto interessante, cheio de puresa religiosa que, segundo nos informam, vem de se dar em S. Carlos, moradia do bispo ex-naufrago d. Homem de Melo.

Apreciem-no os leitores:

«O fim da presente é comunicar-vos um caso ocorrido na Santa Casa desta cidade e que me foi referido com cunho de verdade.

O caso é o seguinte. Um padre portuguez (desses que a Republica Portugueza enxotou) tem por missão todas as manhãs dizer missa na Santa Casa. Um dia destes, avançou para uma das freiras, a quem vinha fazendo a corte já de algum tempo, e chegou mesmo a abraçar-la e beija-la, mas como ela, ou porque não estivesse pelos autos, ou porque fosse presentida no momento por alguem, gritou, e aos seus gritos veiu o enfermeiro que, vendo o bruto agarrado á santa irmã, pregou-lhe uma tremenda tunda de couro para abafar o seu entusiasmo. E ele lá se foi para o palacio Episcopal curtir as suas maguas, excomungando o endiabrado enfermeiro.»

Que enfermeiro mau! Por que diabo foi perturbar o sagrado edilio? Oxalá eles se arranjassem sempre com a prata da casa...



HENRIQUE MALATESTA, A FIGURA DE MAIOR DESTAQUE NO MOVIMENTE REVOLUCIONARIO SOCIAL DA ITALIA E UM DOS PRINCIPAIS ORIENTADORES DA GRANDE AGITAÇÃO QUE CONVULSIONA AQUELE PAIZ.

(De uma fotografia tirado na sua mocidade.)

O antimilitarismo dos cristãos

Quais são hoje os nacionalistas mais sectarios? Os cristãos e, entre estes, os que pretendem ter conservado os verdadeiros ensinamentos de Jesus, os catolicos. Na verdade, obedecem a um estrangeiro: o papa — que de nenhum modo os impede, porêm, de vociferar contra os revolucionarios e antimilitaristas.

Ha muito que a Igreja é serva do poder e do capitalismo. Ela adulou todos os regimes; abençoou as hecatombes de Napoleão e serviu a Restauração; identificou-se com a Repnblica de 1848, para depois conduzir como carneiros os camponeses ás salas eleitorais donde saiu o segundo imperio. Presidiu á repressão da Comuna e santificou com missas e *Te-Deums* o assassinato de 20.000 trabalhadores. Depois, sempre se enfileirou do lado da espada, e de entre os caceteiros da questão Dreyfus muitos tinham decerto devotamente comungado antes de ir erguer clamores de morte no Palacio de Justiça.

Que catolico protestou, quando das buscas arbitrarias e das prisões de militantes operarios por causa do *Soldo do Soldado*? Em vão o procurarieis. Todas as *Croix* aplaudiram o gesto brutal do governo de Barthou: os curas agitaram-se de jubilo dentro da sotaina ao saber que estavam engaiolados os «bandidos da Q. G. T.»

E' por isso particularmente oportuna a publicação de certos documentos, tirados do curso feito pelo sr. Monceaux na Escola pratica dos Altos Estudos. As actas estenograficas dos processos dos primeiros cristãos, refractarios á lei militar, indicam até que ponto se

BIBLIA VERMELHA

Penso que não se pode fazer uma provisão com longa antecedencia sobre os fenomenos sociais; e dessa impossibilidade dei eu os motivos na minha Estatistica teorica *e já os tinha dado no* Socialismo *(1884).*

Se do passado se pode deduzir o futuro, direi que a religião *não morre, que as* religiões *se sucedem e se transformam, que o* sentimento religioso *se atenua, mas não desaparece de todo, pelo menos nas grandes colectividades.*

Os exemplos de povos muito religiosos em grande decandencia, de ateus muito morais, dos chineses, dos japoneses, dos adeptos do confucianismo ou do budismo, que representam um minimo, dão-me a convicção de que é possivel um progresso moral paralelamente a um enfraquecimento do sentimento religioso.

Napoleão Colajanni.

afastou a Igreja moderna da sua doutrina primitiva.

Estamos no ano de 295, a 12 de março, na cidade de Tebessa, colonia romana.

Eis o jovem Maximiliano, que comparece, com seu pai Vitor, perante a comissão inspectora, da qual fazem parte o proconsul Dion, o advogado do fisco, o agente imperial e o oficial de justiça. Trava-se o dialogo seguinte:

O proconsul Dion — Parecendo o recruta Maximiliano apto para sofrer as provas do serviço militar, requeiro que seja medido no estalão. *(Dirigindo-se a Maximiliano:)* Como te chamas?

O recruta Maximiliano. — Para que queres saber o meu nome? E-me vedado ser soldado, pois sou cristão.

O proconsul Dion. — Bem. Oficial, coloca este homem no estalão.

Maximiliano. — Seja! *(Coloca-se no estalão).* Mas não posso ser soldado, não posso praticar o mal — sou cristão.

O proconsul Dion. — Mede-o!

O oficial de justiça. — Tem cinco pés e dez polegadas.

O proconsul Dion. — Marcai-o!

Maximiliano. — Não quero receber a insignia, não posso ser soldado.

O proconsul. — Sê soldado, para não seres punido com a morte.

Maximiliano. — Não serei soldado; corta-me a cabeça, se queres. Não posso ser soldado para o seculo: sou soldado para o meu Deus...

Enfim, após novas e inuteis objurgações, o proconsul dá ordem para matarem o recruta.

Outro documento mostra um centurião romano da legião trajana atirando, numa festa, o seu cinturão ao chão diante das insignias da sua legião (isto é, diante da bandeira) e recusando servir por mais tempo. E' igualmente executado.

Deve-se notar que a Igreja santificou esse soldado e esse centurião e que ainda hoje os festeja com grande pompa! Figuram mesmo, sem duvida, nos calendarios.

...Que prova esta repressão do antimilitarismo no seculo III? Simplesmente que as execuções capitais e os encarceramentos de nada servem e que a ideia prossegue triunfante na sua marcha.

O nosso antimilitarismo, entretanto, não tem as mesmas razões nem o mesmo fim que o dos primeiros cristãos: é *materialista*, é um antimilitarismo de classe, de interesse colectivo. E as perseguições republicanas não obstarão ao seu triunfo.

Paris — 1914.

R. R.

Secção amena

Dialogo entre dois mendigos:

— E dizer que se dão tantas esmolas para as almas do purgatorio!

— Dá vontade de emigrar para lá: com tantas esmolas, aquela gente do purgatorio deve ter uma vida principesca.

Um sacristão, muito praguejador, no tempo da quaresma e da semana santa só exclamava: «Com um milhão de deuses!»

Observando-lhe o padre que aquilo era uma heresia politeista, o sacristão desculpou-se:

— Como nesta ocasião, Cristo tem de se fazer em milhões, para estar em todas as hostias que se dão aos comungantes...

ULTIMA HORA

O CASO DE TAUBATE'

Já sem tempo de entrar neste numero, recebemos novas e interessantes informações sobre o caso da moça que os frades de Taubaté raptaram.

Ficam para a proxima semana.

AO POVO TRABALHADOR DA ITALIA

Num gesto belissimo de elevados sentimentos e de energia admiravel, levantou-se o povo trabalhador italiano, sublevaram-se todas as forças vivas da bela peninsula das batalhas generosas para enfrentar a monarquia anacronica dos saboias odiosos, cujos governantes, na furia reaccionaria de reter a marcha triunfal das facções que avançam em busca de novos estadios de civilização, fizeram banhar o lagedo das ruas da Ancona rebelde com o sangue fervente dos abnegados patrocinadores da causa nobre do proletariado oprimido e explorado.

Baldado esforço seria o nosso de tentar resumir aqui, nos estreitos limites das poucas colunas de um semanario, tudo quanto de grandioso e de sublime tem feito o povo da Italia num batalhar desesperado em prol das liberdades populares, transportando-nos, com a sua indomavel vontade de lutar e de vencer as forças negras de um regimen arcaico e carcomido, ás grandes pelejas que a historia nos aponta como as derrocadoras das velharias do passado.

Como um exemplo imponente á actual geração sofredora, de um extremo a outro da peninsula historica, sacudindo as populações dos grandes e pequenos centros, levantou-se a falange obreira, ergueram-se todos aqueles que almejam um futuro melhor e sairam para a praça a enfrentar, num combate desigual, com galhardia homerica, os cerberos sanguinarios dos traficantes do Quirinal.

E novas descargas ecoaram por toda a parte, e novas vitimas tombaram varadas pelas balas dos criminosos que matam ao abrigo da lei.

Embora. Do sangue dos martires brota sempre a flor rubra da rebeldia.

Desta batalha de hoje poderá sair vencedora a monarquia assassina que, na sua desmedida ganancia de poder e grandesas, arrastou o povo trabalhador italiano para os massacres da Abissinia e da Cirenaica; na peleja que ora nos traz suspensos na ancia de terriveis duvidas, numa espectativa dolorosa, poderão os saboias vencer o povo rebelde que, debalde, num conluio hibrido com a gente viscosa do Vaticano, tenta reter na ignorancia e na opressão.

Virá um dia a hora da vindicta derradeira.

Então abrir-se-ão as prisões aos homens abnegados que lá sofrem pelo seu entranhado amor á liberdade; abolida será essa ignominia que se chama companhia de disciplina; restauradas serão todas as liberdades.

E sobre os escombros da carunchosa monarquia e do covil maldito dos papas as hostes rebeldes caminharão para a frente, sempre para a frente, com as vistas voltadas para o horizonte que o sol do porvir já orla com a sua luz redentora.

Saudemos, pois, os rebeldes admiraveis de hoje, que serão os vencedores gloriosos de amanhã.

A repercussão do movimento em S. Paulo

Convocada pelo Centro Libertario, realizou-se na noite de quinta-feira, na séde da Liga della Democracia, uma reunião dos elementos avançados da colonia italiana com o fim de serem assentados os meios de prestar solidariedade ao povo trabalhador que na Italia luta contra a furia reaccionaria da monarquia dos saboias.

Apesar da convocação ter sido feita sem a necessaria antecipação, a concorrencia foi grande, notando-se a presença de elementos de outras nacionalidades que acompanham com vivo interesse o energico movimento popular italiano.

Depois de viva e cordial discussão, foi aprovada uma moção de protesto contra as inominaveis violencias dos assassinos governantes da monarquia que envergonha a Italia e de franca solidariedade com o povo que lá batalha pela sua emancipação.

Foi tambem deliberada e publicação de um manifesto, que começará a ser distribuido hoje e no qual serão expostos as causas e os fins do movimento em questão.

Com o fim de coletar fundos que serão destinados a auxiliar o movimento, as vitimas da furia dos assassinos de Vitorio III e das que cairam nas suas garras, foi aberta uma grande subscrição popular.

Ficou constituido um comité permanente, que será encarregado de executar os trabalhos necessarios. E' seu tesoureiro o sr. Ercolano Marinelli, residente á rua dos Imigrantes, 155, e a quem deverão exclusivamente ser remetidas todas as quantias destinadas á subscrição aberta.

A "Lanterna" em Santa Catarina

Cronica de S. José

Acaba de deixar esta santa terra dos «bons cristãos» o simpatico e virtuoso frade Domingos.

Foi bastante comovedora a scena que se desenrolou na extrema hora dos saudosos abraços e beijos de que foi «crivado» o mimoso frade ao tomar o carro que o devia conduzir ao ponto do embarque.

Santarrões enfileirados á porta da igreja, descobertos e em respeitosa curvatura como que rendendo homenagem ao afamado petroleo «Olivier», choravam copiosamente como verdadeiros bezerros desmamados. Inconsolaveis matronas, tambem debulhadas em sentidissimas lagrimas, atiravam-se ao chão com faniquitos ao recordarem-se das longas e saudosas horas de prazer em que haviam passado no confessionario com o seu adorado Mingote.

***

Entre os monumentais discursos que foram proferidos no meio de todo esse soluçante e lacrimoso auditorio, falou o manifestado Mingote num germanizado portuguez: «...não se esqueção das rezas que eu ensinei; eu tambem vai rezando p'ra voceis tudo. Eu espera que a vossa fé seje tão alto e firrme como a torre que eu mandou construir e que lá no centro do matriz está apontando o destino do vossas almas».

***

No fim do tiroteio de saudações, foi todo o pessoal manifestante alarmado com um enorme milagre que o deixou boquiaberto.

Do alto de uma enorme cruz, a bela imagem de um Cristo que lá se achava suspensa, dirigiu ao Mingote o seu ultimo adeus de despedida. Moveu-se milagrosamente do seu pesado madeiro, desprendeu do cravo a sua descarnada mão direita, deixou-a cair pesadamente sobre a articulação do braço esquerdo, cerrou o punho e gesticulou religiosamente para o seu explorador, proferindo estas santas palavras: Adeus, devorador do meu sangue e amante das minhas esposas! Aceita esta preciosa «fruta catarinense» que te envia o povo anticlerical desta paroquia, para te alimentares durante a tua excursão de embrutecimento por outras paragens de imbecis. Que ela se multiplique como os pães e os peixes dos evangelhos. Amem.

C. de Lippo.

S. José, Santa Catarina.

BARIRI

OS "CAVADORES" DA RELIGIÃO EM CAMPO

As azas negras do clero se estendem por estas paragens. A nossa pacata população foi invadida, ha dias, por um bando desses... lobos vestidos de pele de ovelha.

E eles aí estão. Percorrem as ruas da cidade chefiados por um caricato e hipocrita milionario prégando a sua doutrina e ministrando o crisma aos incautos. Interessante. Falam em santidade a seus freguezes e sugam religiosamente dois-mil-rezinhos a cada um deles, impondo-lhes, ainda, por cima, a confissão, que faz a *festa* sair mil réis mais cara.

E' isso uma extorsão.

Entretanto, os pobres ignorantes caem com os cobres.

Que religião! E o povo não enxerga estas coisas.

Cristo, quando prégou á humanidade os preceitos de sua doutrina, não recebia dinheiro. Fazia tudo por amor á humanidade pervertida, mandando que se desse de graça o que de graça se recebesse.

Entretanto, estes tais que se dizem sucessores de Cristo, fazem do cristianismo mercado. Vendem ostias e bulas, abusando da ingenuidade do povo.

E querem mostrar sua santidade, sua mansidão e sua abnegação perante o mundo.

Hipocritas! A sua missão é esfolar a humanidade lucupletando-se á custa dos incautos que não conhecem as suas mazelas, os seus crimes, as suas infamias.

Satiros — a nós é que tais monstros não enganam, porque ha bem vinte anos que vimos observando e notando as suas mentiras e os seus crimes.

E, felizmente, não estamos sós.

Ha tambem, conosco, muita gente, que já não se deixa levar por essas scenas carnabalescas, porque não temem a excomunhão lançada por esses caricatos.

Mas, mesmo assim (custa a acreditar) ha homens de espirito aparentemente esclarecido e de inteligencia que se deixam levar por essas crendices (talvez por qualquer conveniencia)...

Isto é demais! E intoleravel!

Rasguem esse veu misterioso e mostrem o verso da medalha como ela é.

Basta de misticismo!

Bariri, 24 — 5 — 914.

Um P.·. Livre.·.

EÇA DE QUEIROZ E A QUESTÃO SOCIAL

De Antero do Quental, sabemos, através do prefaciador dos seus sonetos e da monografia do autor do *Primo Basilio*, que era, no intimo, um anarquista.

Não deixa de ser interessante compulsarmos, por outro lado, a alma do grande Eça de Queiroz, para sondar o seu modo de pensar sobre essa magna questão da organização social.

Transcrevemos, das *Notas Contemporaneas*, tres fragmentos que nos revelam quais as suas tendencias e qual o seu prognostico sobre a evolução da sociedade.

. . . .

«A presença angustiosa das miserias humanas, tanto velho sem lar, tanta criancinha sem pão, e a incapacidade ou indiferença de Monarquias e Republicas para realizar a unica obra urgente do mundo — «a casa para todos, o pão para todos», lentamente me tem tornado um vago anarquista entristecido, idealizador, humilde, inofensivo... Anarquismo, mesmo vago; tristeza, mesmo filosofica; idealização, mesmo escondida — não compõem um bom cortezão.» Pag. 509.

. . . .

«Quanto devemos ao Almanaque! Não será por culpa dele que descuraremos os nossos deveres civicos — pois que incansavelmente ele se debruça sobre o nosso ombro, lembrando o acto que nos cumpre executar para bem do Estado, e que nós, ávidos de individualismo, cada vez mais desapegados do Estado, já contaminados de Anarquia, nunca cumpririamos se não fossem as suplicas do Almanaque, paternais e graves.» Pag. 569.

. . . .

«E estou antevendo que essa habil e intrigante flor (a rosa), que foi sucessivamente helenica, pagã, imperial, feudal, catolica, mistica; que, captando-lhes o amor, partilhou o poder dos herois, dos senados, dos cesares, dos barões, dos papas, dos santos; que se identificou inteiramente com Venus, quando era Venus que no seu cinto fechava o mundo todo, e se identificou logo com a Virgem Maria, quando por seu turno foi a Virgem que pousou os pés sobre o orbe — anda a realizar a sua lenta conversão, e pouco a pouco se insinua e se entrelaça no NOVO E TREMENDO PODER QUE SE LEVANTA, e toda ela se prepara, e se avermelha, e se perfuma, para ser, oficialmente e ritualmente, a flor do socialismo.» Pag. 319.

Z. Z.

48 horas no Asilo Bom Pastor do Rio

O que observou e está publicando uma reporter

O GATO BRAVO QUE FOGE

III

Uma sineta cambalhotou lá fóra, numa alegria doida de sons.

Era manhã! Ia, enfim, levantar-me!

Uma freira apareceu á porta e deu a palmada seca, já estilizada.

Todas se ergueram. Era o sinal de levantar. E, ainda na cama, a freira da porta deu a deixa:

— Ave Maria, cheia de graça...

E todas rezaram em côro.

Levantaram-se depois e, na mesinha de cabeceira, junto a cada cama, as asiladas iniciaram uma toilete sumaria: lavar a cara, arranjar ás pressas o cabelo. E iniciaram-se, então, os trabalhos preliminares de arrumar as camas, despejar as aguas servidas numa especie de funil que ha em um canto do dormitorio.

Tudo isso era feito na penumbra da inquieta chama mortiça do gaz.

Era preciso arejar o dormitorio. Abriram uma janela. Tive a visão do mar, entre a penumbra do nevoeiro matutino. O mar, ali?! Não. Tinha sido apenas uma visão. O que eu via sombriamente verde e ondulante, era o Hospital Evangelico!

Novas palmas.

E todas seguiram, sob os olhos fiscalizadores da irmã, para a sala do estudo. Ali se ajoelharam e rezaram em voz alta o Padre Nosso. Terminada a oração, as palmas assinaladoras dos gestos colectivos deram uma nova ordem: todas cairam, para a frente e beijaram o solo!

Depois disso cada asilada sentou-se na sua cadeirinha baixa com um trabalho a executar: costuras para umas, bordados para outras.

Deram-me um vasto lençol de grosso tecido para embainhar. Era preciso trabalhar!

Entregue cada uma á sua tarefa, a irmã subiu para o balcãozinho do crucifixo e começou a ler uma larga passagem da vida purificadora da Virgem.

Era a hora da meditação.

Mas que horas seriam?

Lá fora a penumbra da manhã continuava densissima. A sala de estudo era iluminada artificialmente pelo gaz.

Apenas, uma franja de nuvem aparecia num laivo sanguineo do sol que nascia.

Pelo corredor ouviu-se um tropel.

Levantei a cabeça.

Era eu a unica que a tal se permitia.

Um habito em desalinho, passou, correndo.

Interpelei a minha visinha:

— Quem é?

— E' o «gato bravo». Logo te conto...

***

A voz da freira, no ambiente quieto da sala de estudo, tinha um tom embalador. Sentia a cabeça pesada pela vigilia da noite, toda passada numa terrivel acuação de espirito, procurando vêr pelo volume e pela persistencia dos vagos ruidos da casa adormecida.

Nos meus ouvidos raspavam ainda sonoridades arrepiantes, os gritos da pobre louca que esperava, á noite, o namorado!

Que triste historia teria essa criatura?

Não ha nada que nos perturbe tanto como quando a gente, sem querer, se encontra em face de um drama da vida real. E haverá drama maior do que aquele que leva um cerebro ao cháos da loucura?

A passagem do *Flos Sanctorum* terminou.

Todas ao sinal da freira, abandonaram os seus trabalhos e, organizadas em parelhas, seguiram para a capela.

Iamos á missa, iamos rezar, procurando na prece o abrigo consolador contra as dores com que o mundo foi povoada pela maldade humana!

Aquele pequeno exercicio fez-me bem. E notava, pela atenção que algumas asiladas davam aos menores detalhes do ritual daquela vida, que havia gente feliz debaixo do desgracioso uniforme da asilada.

A missa era cantada pelas irmãs e por um grupo de asiladas. Assim, de manhã cêdo, sentindo lá fóra a vida a nascer, como uma prece á luta interminavel dos seres, senti-me invadida por um bem-estar irresistivel e orei... Orei para desafogar essa magua latente que em cada peito mina como agua subterranea e, lobrega, orei por esse sentimento de misticismo que levou os nossos avós á conquista da Terra Santa e que nos deixaram como herança de raça, orei porque precisava sacudir a magua que me fazia aquela vida morta que me cerrava!

A missa terminou.

A que nova reza seriamos levadas?

As irmãs encaminharam as asiladas para o refeitorio. E' uma sala simples. Ao fundo ha uma especie de balcão com duas panelas em cima. Aos lados desse balcão correm duas mesas, tendo cada uma um banco corrido junto, do lado da parede. Ao centro uma mesa com dois bancos. As asiladas seguem, ainda em parelhas, por um lado e por outro das mesas. Em cima das mesas são então dispostas vastas chicaras e, perto de cada chicara, dois pães «Provence». Cada asilada toma o seu lugar e fica de pé e as irmãs iniciam uma reza de louvores ao Todo Poderoso.

Não foi mal pensada esta vinda ao refeitorio! Sinto-me fraca. A tensão de espirito que precedeu a minha entrada no Asilo, a inquietação de que talvez não pudesse entrar, a preocupação dominante que me tomou a noite inteira, tudo isso eram motivos que confirmavam de sobra a minha fraqueza.

Duas asiladas, carregando grandes chaleiras, foram correndo as mesas a servir a café fumegante.

Café e pão!

Se as asiladas eram nervosas não era por causa do café. Este era uma verdadeira agua de castanhas! Mas o meu apetite e o apetite de todas achou o delicioso nessa manhã friorenta, de neblina, com um vago luzir de sol lá fora...

A ligeira refeição foi feita em silencio. Algumas asiladas mastigavam com uma infinita delicia o pão «Provence» que tem o ar implicante de anõezinhos...

A freira bateu palmas.

Todas se ergueram e uma nova reza em acção de graças pelo excelente café que tomámos, foi erguida para o azul infinito!

Emilia Brandão.

A CRIMINALIDADE CLERICAL

UM CADASTRO EDIFICANTE — ATENTADOS AO PUDOR — MAUS TRATOS CONTRA VELHOS E CRIANÇAS — BURLAS E FALSIFICAÇÕES

Não deixa de ser interessante a estatistica das condenações decretapas pelos tribunais franceses, durante o ano de 1900, contra padres, frades, freiras e aderentes. Os crimes em maior numero, perpetrados por semehantes personagens, são os atentados contra o pudor de menores nas casas religiosas.

JUNHO

Condenação do frade Soulier, em Nevers, a trabalhos forçados por toda a vida, por atentados gravissimos contra o pudor.

— Condenação do frade Coq, no tribunal de Lille, a dois anos de prisão, por atentados contra o pudor.

— Condenação do frade Martin, a seis dias de prisão e cem francos de multa, pelo crime de agressões e ferimentos.

— Condenação do frade Ernesto, em Millau, a 20 dias de prisão, por praticar, com um soldado, actos contra a natureza.

— Condenação do frade Judual, a cinco anos de prisão, por atentados contra o pudor.

— Condenação do padre Joulié, a dois anos de prisão, por atentados contra o pudor.

— Confirmação da setença que condenou o frade Grichon a quatro mezes de cadeia, pelo crime de escroquerie.

— Condenação do padre Bernard, cura de Saint-Martin-Chateau, (Creuse) a 50 francos de multa, por proferir palavras obscenas diante de meninas.

— Condenação do vigario de Rochepaude, pelo tribunal correcional de Tournus (Ardèche) a 50 francos de multa, custas e selos, por injuriar o guarda campestre da comuna.

— Condenação do padre Cohalion, cura de Auriéres, pelo tribunal de Clermont, a tres dias de cadeia por maltratar uma velhinha.

— Condenação do padre Roustan, de Mélas, Ardèche, a 16 francos de multa, por delito de imprensa (palavras injuriosas).

VIDA OPERARIA

EM SANTOS

Um operario condenado a 24 anos de prisão por um grave erro judiciario

Registou, ainda ha pouco, o noticiario da imprensa cotidiana, um facto doloroso em que dois operarios, — um, consciente lutador em prol da causa de sua classe, e outro, um desgraçado embrutecido, um instrumento ao serviço dos argentarios — tombavam feridos numa peleja sanguinosa, indo um para a sepultura e o outro para a prisão.

Precisemos o caso.

A Federação Operaria de Santos, empenhada em proporcionar aos trabalhadores uma educação social devidamente orientada, publica um jornal — *A Revolta* — do qual deu um belo numero especial no dia 1.º de Maio.

Da distribuição e venda desse util periodico encarregarem-se varios operarios, entre os quais estava o companheiro Adolfo Anta, que andou pelo cidade oferecendo-o aos operarios.

Em certo ponto, encontrou-se com uma dessas pobres criaturas que, pela sua inconsciencia e corrupção moral, atraiçoam a sua propria causa para se colocarem, como capangas, do lado dos grandes exploradores.

Esse individuo, dirigindo-se a Adolfo Anta, disse que o bom e dedicado companheiro estava explorando os trabalhadores vendendo-lhes um jornal que nada valia, e mil coisas mais desse jaez.

Como é natural, Anta, ferido na sua dignidade de homem e de militante da propaganda operaria, repeliu os insultos do desgraçado individuo. Este, sacando inopinadamente de uma faca, feriu-o nas costas.

Defendendo-se de tão brutal ataque, Adolfo Anta foi obrigado a fazer uso do revolver, falecendo dois dias depois o seu agressor.

Foi assim que se deu o facto e como ele foi relatado por toda a imprensa e pelas testemunhas.

Ninguem podia honestamente pôr em duvida a legitima defesa em tal circunstancia.

Pois assim não entenderam os jurados que julgaram Adolfo Anta, a quem deram a pena de 24 anos de prisão!

Sobre esse procedimento inominavel do Juri de Santos recebemos o seguinte artigo:

No dia 5 do corrente foi julgado no forum da cadeia publica de Santos Adolfo Anta.

Foi seu defensor o inteligente advogado e jornalista Benjamim Mota.

Depois dos debates, recolheram-se os jurados á sala de deliberações, demorando cerca de 1 hora para deliberar sobre os quesitos pelo juiz apresentados.

Quando voltaram traziam a condenação de Anta a 24 anos de prisão celular!

Vinte e quatro anos de prisão! — foram as primeiras palavras que brotaram dos labios de todos os presentes.

Vinte e quatro anos por atirar contra um homem, depois de ferido e em legitima defesa!

Foi um erro judiciario. Não, não foi erro, foi um crime judiciario.

O que acima deixo dito é o que se ouvia dizer em todos os grupos que se formaram na sala de espera.

E eu pensava o mesmo, vindo-me ao pensamento o que nos conta Tolstoi no seu romance *Resurreição*, em que foi condenada uma infeliz mulher a quatro anos de trabalhos forçados por terem os jurados cometido a imprudencia de responder a um quesito da seguinte forma: «Sim, culpada de haver ministrado o veneno e sem intenção de roubar.»

Os jurados tinham intenção de absolve-la, mas como responderam aos quesitos sem a menor precaução, a infeliz Maslova foi condenada a quatro anos de prisão com trabalhos forçados.

Terá acontecido o mesmo com a sentença de Anta?

Os individuos que fizeram parte do juri te-lo-ão condenado por não terem consciencia do que faziam, ou porque o consideraram culpado?

Se não tinham consciencia do que faziam porque não se desmascararam? E se o achavam culpado, a sua culpa era para o condenarem a 24 anos de prisão?

Parece-me que não, porque por muita culpa que ele tivesse não seria tão grande como a do incendiario e passador de notas falsas ha pouco julgado e de muitos outros que com provas irrefutaveis foram absolvidos.

Não, não podia ser tanta a sua culpa para que homens que tivessem um pouco de consciencia o condenassem a 24 anos de prisão.

Quando peguei na pena para traçar estas linhas não foi com a ideia de me dirigir aos componentes do juri que condenou Anta tão barbaramente, mas sim para fazer um apelo a todos aqueles que julgam que uma duzia de homens não devem, não podem julgar os actos de um homem que nunca conheceram e que muitas vezes não estão ao par da causa por que o vão julgar.

Sim, a todos vós que amais a verdade eu dirijo um apelo para que protesteis contra a barbara sentença se a ela for confirmada no novo juri para o qual o advogado Benjamim Mota apelou.

Santos — Junho — 914.

Jacob Duportal.

N. B. — Já estas linhas estavam escritas quando me disseram que uma comissão de camaradas vai enviar uma circular a todos os camaradas do Brazil com o mesmo fim acima exposto. — J. D.

Em favor de Adolfo Anta e Manuel Perdigão

Com o fim de arrancar das garras dos gananciosos e inumanos argentarios de Santos estes dois operarios, vai ser promovida uma agitação publica, na qual tomarão parte as associações proletarias e grupos avançados.

Entre outras agrupações que decidiram tomar parte nessa agitação, está o G. A. Renovação, de Santos, que em sua ultima reunião deliberou prestar-lhe todo o seu apoio.

Nu PARANA' E NA SOROCABANA

O nosso companheiro Antonio Abranches da Rocha está percorrendo o Estado do Paraná, devendo depois descer pela linha Sorocabana.

Por certo, não negarão os nossos amigos e assinantes das localidades que vão ser percorridas a coadjuvação dos seus esforços para o bom bom exito da missão do nosso companheiro.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Alemanha

A saida das Igrejas

No primeiro de março realizavam-se em Hamburgo dois comicios para tratar da «saida das Igrejas». A policia mandara rasgar os cartazes, pretextando que o assunto dos comicios era brutal demais; ora, como se sabe, a policia é toda doçura e tem horror á brutalidade: por causa disso é que ela meteu na cadeia os portadores de cartazes.

Graças a este concurso da policia, os comicios tiveram um exito superior a toda a expectativa. Numa das salas, comprimiam-se tres mil ouvintes; na outra, mais pequena, havia mil e seiscentos, ficando de fora milhares de pessoas.

Foram ali assinadas cerca de 800 declarações de saida das Igrejas. Algumas dessas saidas são para os padres verdadeiras catastrofes, pois representam respeitaveis *saidas* de fundos. Assim, segundo refere o *Atheist*, em Broich (provincia romana) a saida de um rico negociante privou a sua Igreja de um rendimento de 4.500 marcos!

"A Lanterna" em Diamantina

Estrada de Ferro — Milagre

Não ha tempo ainda para se manifestarem, e a observação das coisas nos autoriza a afirmar que a presente geração não está fadada a gosar os beneficios que a Diamantina espera do advento do maior elemento de progresso que poderia aspirar — a Estrada de Ferro intramuros, produto dos esforços de grandes e benemeritos filhos desta terra abençoada, desde quasi meio seculo de trabalho incessante e ininterrupto, quando menos, pela continuidade do pensamento colectivo, unificado para um só desideratum.

Aí vai a prova, com a palida discrição de uma fita cinematografica.

No oitavo dia de novena do Divino Espirito Santo da Porta do Amparo, neste arraial do Tijuco, imperando Sua Majestade D. Manuel Antonio dos Santos, bicentesimo do nome, deu-se aqui um fenomeno assombroso: um bixo de pé, levado pela fome, tomou uma pitada de simonte, para armar o olfato em pé de guerra e, assim atenuada a catinga de um chulé de 15 dias, zás... penetrou por debaixo da unha suja do dedo minimo do pé direito do guarda-mór D. Cesar Pereira do Cruzeiro. Sua senhoria era militar e capitão de policia. Incumbia-lhe a guarda do arraial, tinha de commandar um batalhão de parada ou coisa que o valha e não podia enfiar as botas, porque a inflamação do pé o retinha no leito.

Foram chamados os mais afamados esculapios da terra. Determinaram-lhe repouso, cataplasmas, banhos de malva, etc.

O brioso militar não se conformava com as prescrições medicas e, em altos berros, pedia a farda, a espada, o capacete emplumado!

A sua digna esposa, esgotados os recursos, disse-lhe meigamente, apelidando-o familiarmente: — Cesario, sei que você tem parte com o diabo, porque você é maçon; mas Deus é pai e, se você quizer, vou, em seu nome, fazer uma promessa ao Divino Espirito Santo da Porta do Amparo.

— Faz, minha filha, faz, porque não aguento mais tanta dor e estou com medo de não poder comandar a parada amanhã, dia do Divino.

— Pois, Cesario, se de noite, ás 7 horas, você puder caminhar, ha-de ir acompanhar a folia do Divino, porêm fardado, mas sem a espada e descalço, sem capacete e levando uma vela de libra acesa, um maço de velas de cera e um milagre da cura do seu pé!

Não foi nada, não. A' hora dada, o homem pediu um calice de caninha, engoliu o conteudo, saltou da cama e gritou, correndo pelo quarto como um maluco:

— Estou são, graças ao Divino Espirito Santo da Porta do Amparo, e vou cumprir a promessa.

Então, valha-nos agora o maior mistificador da cristandade, o mais santo mentiroso que jamais se viu, o grande padre Euzebio, falsificador das mais santas escrituras! viu-se aqui, na Diamantina, a terra livre, a patria de João Julio, Kubitschik, Teodomiro, Inocencio Campos, Americo França e muitos outros livre-pensadores, — o capitão Cesario, fardado, descalço, com uma vela acesa na mão direita, apontado a Diamantina inteira, marchar, desgraçado! para a igreja do Amparo, ao som da musica, para confessar publicamente uma mentira:

— Um milagre!!!

Putifar e Comp.

Grande reunião libertaria

AOS COMPANHEIROS

O Centro Libertario de S. Paulo, não desejando de maneira alguma centralizar em si a execução de iniciativas de ordem geral e que devem interessar a colectividade dos anarquistas;

não querendo tambem tomar deliberações importantes e que compreendam questões de principio sem que seja consultada a massa dos anarquistas, para evitar que o parecer de um grupo ou de uma minoria passe como sendo a opinião e a orientação colectivas;

convoca todos os companheiros, de todas as tendencias e de todas as nacionalidades, para um reunião geral.

O assunto principal a discutir-se é a adesão ao Congresso Anarquista Internacional, que se reunirá em Londres em setembro proximo.

Subordinada á adesão está a proposta de uma representação directa ou indirecta; a coleta dos fundos para se conseguir uma ou outra; e — o que é importantissimo — entendermonos sobre a relação que deverá ser apresentada ao dito Congresso.

E' tambem opinião de varios companheiros que se deve aproveitar a circunstancia favoravel, isto é, de nos encontrarmos reunidos em grande numero, para se discutir a respeito da nossa acção de luta e de propaganda neste paiz e no momento actual. Ou melhor precisando, escogitar-se os meios capazes de pôr, afinal, um termo á apatia e ao desanimo que se apossaram da maioria dos companheiros.

A reunião terá lugar amanhã, domingo, ás 2 horas da tarde, no salão da Lega della Democrazia, gentilmente cedido, e que se encontra á rua José Bonifacio, 39 (2.º andar).

A reunião interessa unicamente os anarquistas, devendo os companheiros dos suburbios e localidades proximas de S. Paulo fazerem o possivel para a ela comparecer.

O Centro Libertario conta com a presença de todos aqueles que se sentem anarquistas e desejam ver os seus principios defendidos e propagados nesta terra, onde eles tão desconhecidos ainda são.

O CENTRO LIBERTARIO.

⁂

E' grande a animação que em favor desta reunião reina entre o elemento libertario.

Foi confirmada a adesão dos elementos e agrupações já citados, sendo certo que outras representações comparecerão á grande assembleia.

O G. A. Renovação, de Santos, em reunião realizada na corrente semana, resolveu mandar um representante.

POSTAIS DE FERRER

Recebemos uma nova remessa de postais com o retrato de Francisco Ferrer, que são vendidos a 1$500 a duzia.

Só serão atendidos os pedidos acompanhados das respectivas importancias.

BILHETES E RECADOS

Niteroi — Dr. V. de C.: Gostosamente satisfizemos o seu pedido. Os pacotes foram para o endereço indicado. Saudações.

Santos — G. A.: Mandámos-lhe o exemplar de *No paiz dos frades* Saudações.

Diamantina — Putiphar & C.: Seguirão os 10 exemplares deste num. Temos mandado sempre 5 exemplares. Esperamos que a remessa de *azeite* prometida seja feita o mais breve possivel, pois bem precisados estamos dele. Saudações a todos.

Sambaitiba — L. de O.: Fizemos a transferencia para aí. Vindo ela agora, virá em boa ocasião... Saudações.

Petropolis — R. V.: Recebemos os 10$ dos pacotes até o n. 246. Saudações aos companheiros.

Bebedouro — F. V.: Remetemos-lhe o folheto pedido. Saudações.

Machado — Ganganelli 91: Mandámos-lhe os exemplares que conseguimos reunir. Saudações aos combatentes daí.

Belêm — J. P. d'A: Satisfizemos o seu pedido de folhetos. Saudações.

Rio — Myer: De acordo com o que dizes na tua carta e mandaste dizer pelo R. Foi o diabo o N. ter feito remessas para endereços incertos. Saude!

Sorocaba — A. R. de Oliveira: Com satisfação incluimos o seu nome no livro dos nossos assinantes. O amigo fará o obsequio de nos remeter a importancia em vale do Correio, pelo que lhe ficamos antecipadamente agradecidos. Saudações.

Bariri — C. M.: Deve continuar. Assim iremos aumentando o nucleo dos nossos auxiliares. Saudações nossas e do J. P.

Terezina — Dr. V. T.: Recebemos o vale com a importancia de sua assinatura. Gratos lhe somos pela solicitude com que correspondeu ao apelo da nossa circular. Oxalá os outros correligionarios daí façam outro tanto. Saudações.

Parnahyba (Piauhy) — Dr. L. do R. M.: Recebemos a importancia de sua assinatura. Agradecidos. Saudações.

Serra dos Crystaes — C. R. M.: Incluimo-lo no numero dos amigos e assinantes da nossa folha. O preço da assinatura é de 10$ por ano, que fará o obsequio de nos remeter pelo Correio. Saudações.

Uberaba — R. C.: Agradecem-oslhe o jornal que teve o cuidado de nos remeter. Saudações.

Batataes — B. A.: Recebemos o vale com a importancia do debito de sua assinatura. Agradecidos. Remetemos-lhe-emos o recibo. Saudações.

Rio — Auzemir: Continue. Ha sempre por aí muitas *cositas buenas* para guisar. Saudações.

S. Sebastião dos Correntes — A. A. B.: Lamentamos que o atormentem tantas contrariedades. Não temos postais com o cliché indicado. Saude!

Rio — Jango: Sobre a tio. nada soubeste de positivo? Ao Macedo pedirás 5$ para a assinatura de J. B.n e 2$ meus para a sub. pró-*Voz*.

Valença — R. G.: Foi satisfeito o seu pedido de livro e folheto. Saudações.

Coritiba — A. I. de Miranda: Regosijamo-nos em inclui-lo no nosso registo de assinantes. As condições são as constantes do cabeçalho da folha. A importancia respectiva far-nos-á o obsequio de remeter pelo Correio. Saudações.

Porto Alegre — Barb.: Que os ares dos pampas te deem novos ares... Saudades aos camaradas.

Lages — E. G.: Foram-lhe remetidos os postais, os livros e os folhetos. Saudações.

Pau d'Alho — J. D. d'O.: Remetemos-lhe o *No paiz dos frades.* Saudações.

Estação Paraiso — F. A.: Mandamos-lhe o folheto que sobre o assunto tinhamos aqui. Custa 200 réis. Saudações.

Belo Horizonte — Urucá: Recebemos o seu artigo. Merece alguns reparos. Não deixaremos de acolher tudo que esteja dentro do programa do jornal. Saudações.

Porto Acre — L. Marcondes: Fizemos a transferencia do seu endereço. Prestar-nos-á um obsequio remetendo-nos pelo Correio a importancia de sua assinatura. Antecipamos-lhe os nossos agradecimentos. Saudações.

Araras — O. R. C.: Satisfaremos o seu pedido. Forgariamos em ve-lo livre, trabalhando por uma causa de justiça social. Saudações.

Brejo — P. da B. B.: Remetemos-lhe o *No paiz dos frades*. Saudações.

S. Paulo — Dr. A. M. da S: Fizemos a mudança do seu endereço. Saudações.

S. João da Boa Vista — L. S.: Está feita a transferencia do seu endereço. Saudações.

Guararema — E. G.: Seguiu o exemplar de *No paiz dos frades*. Saudações.

Salto Grande — Pio X.: Melhor seria que nos remetesse pelo Correio, registada, a importancia da assinatura, do cliché e das obras, descontando o porte. Demoraria menos. Saudações.

Barbacena — A. R.: Já registamos o nome do sr. J. da S. no nosso livro de assinantes. Folgamos em saber que aprecia as nossas ideias. Gratos. Saudações.

Rio — J. de Souza: As quantias pequenas poderão vir da mesma forma. Maiores importancias é necessario registar. Mandaremos mais pacotes. Saudações.

Livramento — I. C. de M.: Recebemos as importancias dos srs. R. P., J. L., U. S. Fizemos as transferencias dos que se mudaram e riscámos os indicados. Fazemos votos para que já esteja com a saude restabelecida a pessoa que te é cara. Mandar-te-emos o recibo. Agradecemos-te o serviço prestado á folha. Saudações aos companheiros.

Pelotas — A. C. de S.: Foi-lhe mandado o exemplar pedido. Saudações.

Bagé — A. d'O. S.: Recebemos as importancias das assinaturas dos srs. dr. J. da C. C., C. R. e D. S. Mandaremos a circular ao assinante indicado. Foi riscado o que se mudou. Seguiram os folhetos. Saudações aos companheiros.

Serro — M. de M.: Recebemos os 10$ de sua assinatura. Gratos. Seguiram os ns. pedidos. Saudações.

Alagoinhas — A. F. de A. S.: Não quer que a publiquemos? Aguardamos a sua resposta. Saudações.

Sorocaba — V. Caputi: No anuncio que publicamos, encontrará as informações necessarias sobre a *Historia da Inquisição na Idade Media*. Para o resto entender-se-á directamente com a Liga Anticlerical, rua do Areal, 38, Rio. Saudações.

Amargosa — U. B.: Gratos pelo recorte. Remeteremos os postais logo que esteja pronta a nova tiragem que vamos fazer. Aproveitaremos a pergunta, que é realmente interessante. Não poderia o amigo prestar-nos o especial obsequio de organizar a nossa cobrança aí? Saudações.

Coritiba — A. B.: *Meglio tardi che mai*: agradecidos pelos jornais mandados. E tudo acabou na santa paz do Senhor... *Salute!*

Belo Horizonte — M. B.: A tua carta chegou aqui com atraso, por isso não foram os pacotes, que mandaremos se ainda os quizeres. Saudações aos companheiros.

S. Paulo — Um leitor assiduo: 200$? E' pouco... Nós damos-lhe a coleção dos 4 anos por 50$, que tambem, ha de concordar, não é muito... Saude.

Coritiba — R. Carvalho: Somos-lhe gratos pelos jornais que nos remeteu. E' como diz: é preciso que o povo, farto das suas mentiras, os faça transpor as fronteiras do globo em vinte e quatro horas. Saudações.

S. Paulo — D. T.: A pessoa que assistiu as arengas do parlapatão coroado teve de sair de S. Paulo, deixando-nos sem as notas prometidas. Tambem, pelo que contam, o *bruto* nada disse de novo. *Salute.*

Ponta Grossa — A. P.: Recebemos as informações, que agradecemos e publicaremos. Consultaremos o Abranches sobre os folhetos a que alude em sua carta. Saudações.

Rio — A. de Oliveira: A cautela não foi antes, porque esperava leva-la se o João cá não viesse. Saudações.

Florianopolis — A. R. dos P.: Vamos remeter-lhe o livro pedido logo que chegue nova remessa. Saudações.

S. Sebastião do Turvo — J. F. M.: Já registamos o seu nome na nossa lista de remessa. Saudamos o novo amigo do jornal.

Porto Alegre — O. L. de C.: As coleções estão sendo preparadas e seguirão logo que fiquem prontas. Saudamo-lo e ao amigo Pythagoras.

Rio — J. Louzada: Mande-nos o seu endereço para lhe ser, mesmo assim, enviado o jornal. Saudações.

Rio — A. Bastos: Queixam-se os tipografos da sua letra. E não deixam de ter razão... Dificilmente daria resultado. Tem sido esse um meio de cavação para muita ave de arribação... Saudações.

Caxambú — D. M. R.: Já deve ter chegado ás mãos do sr. A. M. o recibo da sua assinatura. Obrigados. Saudações.

União — Dr. M. W.: Infelizmente, tambem não dispomos dos meios necessarios para a publicação, em livro, do seu trabalho — *A greve é um direito*. Antecipamos-lhe as nossas felicitações pelo franco e certo sucesso do seu *Vermelhos como o Sangue*. Saudações.

Santos — M. C. J.: O seu pedido de livros foi logo satisfeito. Saudações.

Ribeirão Preto — J. R. de O.: Já lhe remetemos o recibo da assinatura paga. Agradecidos. Saudações.

Coritiba — A. C.: Foi-lhe remetido o exemplar do *No paiz dos frades*. Saudações.

Estrela do Norte — M. D. da E.: O romance *Os Comuneiros* ainda não foi editado. Remetemos-lhe "No paiz dos frades". Saudações.

Coritiba — C. D. S.: Recebemos o vale. Foi feita a transferencia do seu endereço. Agradecemos a auxilio prestado á nossa folha. Saudações.

Santa Maria — O. C. F.: Já terá recebido o pacote para a distribuição gratuita. Saudações.

Mogi das Cruzes — A. L.: Modificámos a sua direcção. Saudações.

Jundiahi — M. dos S.: Fizemos a transferencia. Saudações.

Rio — J. Pegado: A folha tem seguido com toda a pontualidade. Malditos sejam os "zelosos" do Correio! Saudações.

Varginha — Piré: Fizemos a transferencia logo que nos foi recomendada. Infelizmente, esses miseraveis abundam por toda a parte. Cabe a nós não lhe deixarmos um instante de socego. Saudações.

NO RIO

Grande festival de propaganda Pró "Novos Horizontes"

No Salão do Centro Cosmopolita, á Rua do Senado, 215, a realizar-se em 13 de junho de 1914, ás 20 e 1/2 horas.

PROGRAMA:

1.ª PARTE — Conferencia pelo camarada J. Gonçalves. Tema: o papel da imprensa na propaganda social.

2.ª PARTE — **Canções, hinos e poesias.**

3.ª PARTE — **Sorteio de 3 valiosos brindes.**

4.ª PARTE — **Baile familiar.**

O festival será abrilhantado com uma harmoniosa orquestra.

Escola Moderna N. 2

Ensino Racionalista

Scientificamos ás familias que se acha instalada no predio da rua Müller, 74, a Escola Moderna n.º 2, criada sob os auspicios do Comité pro Escola Moderna.

* *

Esta Escola servir-se-ha do metodo inductivo demonstrativo e objectivo, e basear-se-ha na esperimentação, nas afirmações scientificas e raciocinadas, para que os alunos tenham uma ideia clara do que se lhes quer ensinar.

MATERIAS:

As materias a serem iniciadas, segundo o alcance das faculdades de cada aluno, constarão de — ***leitura, caligrafia, gramatica, aritmetica, geometria, geografia, botanica, zoologia, mineralogia, fisica, quimica, fisiologia, historia, desenho, etc.***

—

Horario: das 12 da manhã ás 4 da tarde.

A inscrição de alunos acha-se aberta das 10 ás 12 horas da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

TODO O TRABALHADOR DEVE LER E AUXILIAR

"A VOZ DO TRABALHADOR"

Orgam da Confederaçâo Operaria Brasileira

Publicação quinzenal

Conta com a colaboração dos mais conhecidos militantes do campo operario do paiz e publica inqueritos, relatorios e noticias sobre o que de mais importante se passa na vida das associações dos trabalhadores do Brasil e a sua obra de educação, de propaganda e de reivindicação. Ocupa-se tão bem da vida obreira internacional.

Condição de assinatura: 1 ano 5$000; 1 semestre, 3$000. Pacotes, a 50 reis o exemplar

ENDEREÇO: CAIXA POSTAL, 1427 — RIO DE JANEIRO.

(Pede-se a reprodução desta publicação aos jornais amigos do pais)

ENTRE CAMPONESES

de Errico Malatesta

Preços, livresdo porte do Correio

500 exemplares	60$000
300 » »	42$000
100 » »	14$000
50 » »	7$000
Avulso................	200

Não poderão ser satisfeitos os pedidos que não vierem acompanhados das respectivas importancias.

MENTIRAS DIVINAS

CARTAS AOS CRENTES

De Chacon Siciliani

Só com estudo e raciocinio se chega á verdade.

E' um excelente livro de propaganda anticlerical e antireligiosa, escrito em linguagem clara e em forma persuasiva, trazendo na capa uma expressiva ilustração em tricromia.

Um volume de 112 paginas, 1$500. Pelo correio 1$700

Escola Moderna N. 1

PARA MENINOS E MENINAS
Á RUA SALDANHA MARINHO, 66
S. PAULO (BELEMZINHO)

nstituto de educação e instrucção segundo o metodo racionalista, mantido pela Sociedade Escola Moderna de S. Paulo

Presentemente instalada em predio que reune as condições exigidas pela higiene, a Escola Moderna n. 1 acha-se funcionando com regularidade, tendo boa frequencia de alunos, cuja inscrição para a matricula é feita mediante a contribuição mensal de 2$000 para os de cartilha e de 4$000 para os mais adiantados.

Faz parte do objectivo desta escola, tambem, atrair a atenção dos pais dos alunos para a obra de educação e instrução segundo o metodo racionalista, e nesse proposito são realizadas pelo respetivo professor, todos os mezes, festas escolares, constantes de conferencias sobre assuntos educativos e sociais, hinos e recitativos escolares.

HORARIO

Aula diurna: das 11 ás quatro horas da tarde.

Aos sabados a aula termina á uma hora ou duas da tarde, logo após á volta do passeio campestre feito pelos alunos.

Aula noturna: das sete ás nove da noite, todos os dias, menos osa sabados.

PROGRAMA

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de portuguez, aritmetica, geografia, historia e principios de sciencias naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acôrdo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O director,

Prof. João Penteado.

A «LANTERNA» NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

CAFE' CRITERIUM, largo do Rocio, 32.
Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate.
Rua Gonçalves Dias, 78, agencia do sr. Braz Lauria.
Avenida Passos, 122, engraxate.
Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
Rua Uruguayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
Rua Marechal Floriano Peixoto, 60, engraxate.
Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.
Largoo da Carioca, 2, com o sr. Paschoal Trote.
Rua Marechal Floriano, 226, engraxate.

Biblioteca da "Lanterna,,

Só podemos atender os pedido que venham acompanhados da respectiva importancia.

Retratos de José Nakens, 1$500 réis.
» de Pedro Gori, 1$000 reis.
» de Caetono Bresci, $500.
Alegoria com o retrato de Forrer, a 1$000 reis.

EM PORTUGUÊS

Monsenhor Sylvestre de Chateaurenard, *O Celibato*	1$200
Neno Vasco, *Da porta da Europa*	3$000
Saturnino Barbosa, *Ensaio de Critica Racionalista*	1$000
Elisen Reclus, *Evolução, Revolução e Ideal Anarquista*	1$500
Luiz Bulfi, *Greve de Ventres* ...	$200
José Prat, *A burguesia e o Proletariado*	$300
José Benedy, *Pedras Toscas* (versos livres)	$200
Brito Bettencourt, *Catecismo Ateu*	$200
José Rizal, *Noli me tangere* ...	$600
H. Malatesta, *Programa socialista-anarquista-revolucionario*	$100
Prof. Saturnino Barbosa, *Poema Transcendente*	1$000
B. Peres Galdós, *Electra*, (drama anticlerical em 5 actos)	1$000
Mezza Botta, *O Papa Negro* .	2$000
Carlos Dias, *Semeando para Colhêr*	$200
Paulo Bertheloth, *Evangelho da Hora*	$200
Guerra Junqueiro, *A velhice do Padre Eterno*	2$000
Dr. José Oiticica, *Sonetos (1905-1911)*	2$000
Fernando Pelloutier, *A União dos Sindicatos e a Anarquia* .	$200
Pedro Kropótkine, *Os Bastidores das guerras*.	$100
Pedro Kropótkine, *O Comunismo Anarquico*	$200
F. Domela Nieuwenhuis, *A mulher e o militarismo* . . .	$100
Neno Vasco, *Giórgicas* (ao trabalhador rural)	$100
Errico Malatesta, *Entre camponeses*	$200
Afonso Costa, *Album Popular Brasileiro*	2$000
Chacon Siciliani, *Mentiras Divinas* (cartas aos crentes)	1$500

EM ITALIANO

Romanzo di una Donna, *Angelo Longaretti*	1$500
Alceste de Ambris, *L'Argentina e l'Emigrazione Italiana* . .	$200
Antonio Labriola, *Del Socialismo*	$400
Gaetano Zibordi, *La historia di Federico*..............	$400
Um laico, *La politica eclesiastica in Italia*............	$300
Giovanni de Nava, *Delinquenza e Misticismo*	$200
P. Guarino, *Sole a Scacchi*	$400
L. Campolonghi, *Azione Sindicale*.....................	$300
G. Stiavelli, *Il Primo Maggio nella letteratura*	$400
G. D'Amato, *Ai ragazzi felici*	$200
Paul Adam, *Il figliuol prodigo*	$200
Francesco Pucci, *Il dovere di organizzarci*	$200
F. Niccolini, *Il pane gratuito*	$200
L'Asino, *S. Alfonso de Liguori svelato*	$200
Guido Podreca, *Il marito dell'anima*	$200
» » *Il divorzio*..	$200
Maximo Gorki, *Interviste*....	$600
» » *Il compagno*	$200
» » *L'uomo*......	$200
Eliseo Reclus, *I prodotti dell'industria*......	$200
» » *I prodotti della terra*	$200
Leda Rafanelli, *Alle madri italiane*	$200
Paul Lafargue, *La morale borguese*	$600
» » *Il diritto all'ozio*..	$200
Dott. G. C. C., *Guerra all'alcool*..................	$200
G. Pozzi, *Favole ed apologhi socialista*................	$200
Oreste Ristori, *Polemiche sull'Anarchia*...	$300
» » *Operai, non bevete!*.......	$100
Pietro Kropótkine, *L'agricultura*	$200
Leone Tolstoi, *Contra la guerra russo-giapponese*.......	$300
E. De Amicis, *Il socialismo e L'eguaglianza*	$100
» » *Consigli e moniti*	$100
E. Vandervelde, *Le città Piovre*	$200
C. Andrea, *Un Sogno*.......	$100
» » *Il socialismo*....	$100
C. Monticelli, *Il primo giorno del socialismo*	$300
» » *Lo Sciopero*...	$100
E. Ciacchi, *Ai contadini*....	$100
» » *Le nostre Leghe*	$100
Dott. Biel, *Il socialismo per tutti*	$100
O. G. Viani, *Abbecedario dell'economia Sociale*	$200
G. Renard, *Agli Studenti*...	$100
Leopoldo de Fazio, *Canzone vegetale*................ .	$300
A. Valente, *Conferenze socialiste*	$300
A. Bertesi, *Socialismo e Religione*..................	$100
F. G. Paoloni, *Primo Maggio*	$100
B. Carlantonio, *Le Istituzioni e la Morale*............	$100
A. D'Ambrosio, *I 10 comandamenti della legge sociale*	$100
Ferri e Ciccotti, *Contro la marina militare* (discorsi)	$300
» » *Per la riduzione delle spese militari*.	$300
Resoconto del 1.º *Congresso dei lavoratori della terra*..	$200

EM ESPANHOL

Lo que entiendo por libre pensamiento, por Francisco Gien	$300
La educacion sexual, conferencia pela professora Raquel Camaña	$400
C S. Darrow, *Crimen y Criminales*	$100

Em todos os preços acima está incluido o porte de correio.

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo).
El Pueblo á la Aristocracia, por Pey Ordéix.
A Una Madre, por Ramon Clées.
La Democracia y la Inglesia, por Potvin.
La libertad de enseñanza, por Edmundo Gonzalez.
Sonetos Piadosos, por varios.

EM FRANCÊS

Jean Grave, *Léntente pour l'action*	$200
JeanGrave, *Si j'avais á parler aux Electeurs*	$100
Urbain Gohier, *Aux Femmes* .	$100
M. Nettlau, *La responsabitité et la Solidarité dans la lutte ouvriére*	$200
André Girard et M. Pierrot, *Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvriére*	$100
Pedro Kropotkine, *Le Salariat*	$100
» » *L'Esprit de Révolte* .	$200



Coleções completas da "Lanterna"

Apresenta-se agora uma excelente e unica ocasião para os amigos da Lanterna adquirirem a coleção completa dos seus quatro anos de publicação, pois resolvemos vender as que ainda nos restam.

Dispomos apenas de sete, que serão vendidas a 50$, os quatro anos da presente fase, encadernadas em capa cartonapa-

Só serão satisfeitos os pedidos que vierem acompanhados das respectivasimportancias.

LA BATAILLE SYNDICALISTE

10, BOULEVARD MAGENTA — PARIS

Interessante diario sindicalista revolucionario.

Colaboradores: Merrheim, Monatte, Harmel, Rondine, F. Delaisi, James Guillaume, Malato, Laisant, S. Faure, Madalena Vernet, Griffuelhes, Jouhaud, Yvetot, Vigné d'Octon, etc.

Um ano	31 francos
Meio ano	16,50 »
3 mezes	9 »

CATECISMO ATEU

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

LES TEMPS NOUVEAUX

4, RUA BROCA — PARIS (V)

Importante semanario comunista-anarquista com suplemento literario.

Um ano	8 franco
Meio ano	4 »
3 mezes	2 »

"DA PORTA DA EUROPA"

FACTOS E IDEIAS

A questão religiosa
questão politica
A questão económica

1911-1912

Colecção de crónicas do nosso colaborador Neno Vasco:

Apesar do titulo — que é o das crónicas do nosso colaborador neste jornal — apenas um têrço deste livro é que é constituido por algumas das cartas enviadas para a *Lanterna*. O resto é desconhecido para os nossos leitores.

Preço, livre de porte, 3$000.

UM BOM MEIO DE PROPAGANDA

Um cento de postais ilustrados por 2$000

Esforçando-nos por dar o maior desenvolvimento possivel á nossa propaganda, procurando aproveitar todos os meios que, dentro das normas da nossa acção, possam alargar o campo de sua influencia, resolvemos iniciar a edição de uma serie de postais ilustrados, aproveitando para esse fim alguns dos clichés publicados pela **Lanterna** ***e mandando fazer outros desenhos apropriados.***

O primeiro postal da serie, que já temos á venda, contém a expressiva gravura do nosso numero anterior, na qual se vê o vampiro clerical a esvoaçar ameaçadoramente por sobre a incauta população sertaneja.

E' um excelente veiculo de divulgação da propaganda anticlerical e ao mesmo tempo baratissimo, pois vendemos A 2$000 O CENTO DESSE POSTAL.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da *Lanterna* no adiantado Estado gaucho, onde a nossa propaganda estende-se animadoramente, os seguintes correligionarios:

Em Porto Alegre — Sr. Oldema Carvalho, Ladeira 56-A;

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Argolo, 366;

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves;

Em Bagé — Amantino O. Santos

Em Rio Grande — Sr. Manoel João Pereira (Bijou da Moda).

Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

A INQUISIÇÃO

Folheto de 32 paginas em que são relatadas as hediondas scenas que eram levadas a efeito nos antros do Santo Oficio. Folheto utilissimo á nossa propaganda.

PREÇOS:

Um exemplar..........	200
10 exemplares..........	1$500
50 »	6$000
100 »	10$000

Os pedidos devem vir acompanhados das respectivas importancias.

FOLHETIM DA LANTERNA (32)

CARLOS MALATO

OS COMUNEIROS

Tradução especial para 'A Lanterna'

PRIMEIRA PARTE

O filho de Torquemada

CAPITULO XII

O filho do milagre

Joana; a Santa Hermandad, avisada, dava uma batida pela região, em busca dos ladrões, que naturalmente não encontrava; e Santafierno, enquanto se corrigia, vigiava a reparação dos estragos causados ao seu castelo pelo incendio.

Os seus vassalos, sujeitos, a talhas e serviços á mercê do senhor, forneciam-lhe a mão de obra; Olivar, que permanecia junto dele para o encorajar em sua vida nova, fornecia-lhe os subsidios. E Santafierno admirava-se do papel que na sua vida esse misterioso monge representava, do interesse que ele lhe testemunhava havia tantos anos sem jamais lhe haver revelado o seu fim. Dizia tambem consigo que Olivar havia de possuir relações, influencias e recursos consideraveis.

Ardia de impaciencia por vir enfim a saber o seu nascimento, esse irritante segredo que Olivar ia revelar-lhe quanto, teatralmente, se tinham visto ambos precipitados num subterraneo. E agora o frade, como se houvera olvidado tudo ou recebido algum aviso do ceu, de nada falava já. Sem duvida alguma, esperava ter a certeza de que Santafierno se emendara de vez; e Santafierno, que percebia isso, apelava para toda a sua força de vontade afim de ter paciencia, pensando que a prova podia ser de longa duração.

Foi menos longa que o que ele receava. Uma noite, Olivar, tendo recebido a confissão do cavaleiro, que comparecia cada três dias no tribunal da penitencia, julgou chegado o momento.

— Segui-me, disse ele.

O castelo possuia a sua capela: uma sala rectangular, de paredes altas e nuas; ao fundo sobre dois degraus, um altar; perto do altar, uma imagem da Virgem do Carmo, de madeira esculpida e pintada.

— Ajoelhai-vos aos pés da Mãe imaculada do Salvador, disse Olivar, e jurai-lhe pela vossa salvação eterna que nunca revelareis a alma viva o que esta noite ides saber.

— Assim o juro! pronunciou Santafierno, de joelhos.

Não hesitara em prestar este juramento. Esta docilidade satisfez o dominicano, que continuou:

— Jurai pela vossa salvação eterna obedecer sem reservas ás ordens da Santa Inquisição, baluarte da religião catolica, apostolica e romana contra a heresia.

— Assim o juro! disse Santafierno pela segunda vez.

Houve um instante de silencio: o cavaleiro permanecia ajoelhado, impressionado realmente, desejando e temendo ao mesmo tempo saber. Ao lado dele, sempre de pé erguia-se impassivel o monge.

A voz de Olivar fez-se mais solene do que nunca:

— Os designios de Deus são impenetraveis, a sua vontade é soberana, infinita a sua graça. Bem temerario seria quem ousasse ajuizar dos meios decididos pelo Todo-Poderoso e dos actos que ele inspira aos seus eleitos: não ordenou Deus ao venerando Abraão que imolasse seu filho Isaac e a Judite que se entregasse a Holofernes?

Respeitoso e mudo, Santafirno inclinou a cabeça em sinal de aquiescencia

— Vós sois, continuou Olivar, filho segundo a carne duma miseravel gitana e dum homem que foi uma das maiores glorias da Igreja: nosso padre venerado Torquemada.

Desta feita, tão inspinada era esta revelação, que Santafierno, a despeito da sua vontade de conservar o seu sangue frio, soltou um brado de indizivel espanto. Sentiu zumbirem-lhe as fontes, vacilarem-lhe os joelhos, esteve a ponto de se estender ao comprido no lajeado, como se tivesse vindo de subito uma montanha esmaga-lo com todo o seu peso.

Ele, filho de Torquemada!

Ante esta fulminante revelação, nem sequer pensava na mulher que o dera á luz. Não se lembrava de a si proprio perguntar como é que uma criatura vagabunda e miseravel, uma *viandante!* — pudera ter relações carnais com o homem temido que governava a Espanha!

— No ano de 1491, prosseguiu Olivar, sendo havia já oito anos grande inquisidor do reino o reverendissimo padre Tomás Torquemada, foi presa perto de Valencia uma gitana errante, a Chipa, acusada de feitiçaria. Sua Reverencia, que na repressão da idolatria ou da heresia mostrava um zelo infatigavel, quiz em pessoa interrogar aquela mulher, pois pareciam contraditorias as acusações contra ela formuladas. Entrou, pois no calaboiço onde estava encerrada a Chipa.

" Nessa época, cavaleiro, tinha o padre Torquemada perto de setenta e um anos e embora conservasse, graças ao Céu, um grande vigor no corpo, havia muito que se achava a coberto das tentações da carne. Por isso, foi com toda a tranquilidade que, depois de ter elevado a alma a Deus, ordenou á presa que se despisse inteiramente afim de procurar no corpo dela o sinal do demonio.

" Nenhum achou e, por outro lado, eram satisfatorias as respostas da mulher. Sua Reverencia sentia-se pois inclinado a deixar a vida á presa, limitando-se a encerra-la por toda a vida num claustro afim de lhe garantir o repouso da alma.

" Mas qual não foi o espanto do nosso reverendissimo padre, quando ouviu uma voz milagrosa pronunciar estas palavras:

" — Torquemada, é preciso que tenhas um filho desta mulher: é o Céu que to ordena.

" A principio, o nosso reverendissimo padre ficou estupefacto. Não estava sonhando: achava-se na enxovia, sózinho com a Chipa e com certeza não fôra esta quem falara, pois os labios dela permaneciam imoveis e a voz descia do céu. Sua Reverencia, naturalmente, achava com numerosos doutores que, muito mais do que a continencia, é o celibato que é obrigatorio para um homem de Igreja, e demais, que regra, mesmo eclesiastica, poderia prevalecer contra a vontade de Deus? Todavia, a idade de nosso padre Torquemada, mais ainda do que o seu habito, parecia afastar qualquer ideia de fornicação e sobretudo de paternidade: mas não opera Deus milagres quando lhe apraz?

" Sua Reverencia estava pronto a submeter-se á vontade lá de cima. Mas, para se certificar plenamente de que não ia cair numa armadilha do demonio, incitando-o a pecar, quiz confiar-se a quatro dos seus irmãos espirituais: pela graça do Céu, tive eu a honra insigne de ser um deles, eu que era então bem moço.

" Depois de nos termos uns aos outros confessado e administrado a sagrada comunhão, descemos todos cinco á enxovia da Chipa... "

Olivar fez uma pausa, revivendo no pensamento o instante inefavel cuja recordação ele evocava. Depois prosseguiu:

— Chegados á presença da presa, ouvimos todos cinco a voz miraculosa dizendo de novo: "Torquemada, é preciso que tenhas um filho desta mulher; é o Céu que to ordena!"

" Impiedade seria duvidar por mais tempo. Depois de nos termos ajoelhado para render graças ao Senhor, eu e os meus três irmãos retiramo-nos, deixando Sua Reverencia só com a presa.

" Fez-se o milagre: o nosso glorioso padre Torquemada submeteu-se, invocando a assistencia do céu, e pôde consumar-se o acto. Vós sois, cavaleiro, o resultado de tal acto. "

Santafierno, atordoado, não pudera ainda dominar-se. Olivar prosseguiu:

— Assim, prova inegavel de que a voz sobrenatural vinha na verdade do Céu e não do inferno, realizou-se a predição até ao fim: a Chipa, nove meses depois, dava á luz um filho, que ereis vós.